

**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

## **O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENCONTRO COM O PRINCÍPIO ÉTICO**

Onileda de Souza Matta Guimarães<sup>1</sup>

Luciane Pandini Simiano<sup>2</sup>

Eixo temático: Organização e práticas educativas na educação básica

O presente texto apresenta um recorte de uma pesquisa realizada no âmbito do Mestrado em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina. (Guimarães, 2019). Analisa em que medida o percurso de formação de professores, pela via da documentação pedagógica, contribui para o acolhimento de alteridade em educação infantil. A experiência formativa foi desenvolvida com um grupo de dez professoras e 5 pesquisadoras em uma instituição do Sul de Santa Catarina. O contexto de estudo constitui-se dos momentos de formação continuada a partir do curso de extensão ofertado no período de junho à novembro de 2018. Em termos metodológicos, a pesquisa pauta-se em uma perspectiva qualitativa, propõe o método como desvio, “[...] entender o método como desvio, pensamento minucioso e hesitante, que sempre volta ao seu objeto por diversos caminhos e desvios” (Simiano, 2015, p.29).

Adotaram-se, como instrumentos metodológicos, a observação participante, o diário de bordo, o registro fotográfico, os recursos de áudios e as documentações produzidas pelas professoras. Acreditando na potência da experiência formativa a partir do encontro com o outro, buscou – se dar visibilidade ao princípio ético no encontro entre adultos e crianças no contexto educativo. Na busca desta compreensão, conceituamos a ética a partir do diálogo

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). od.matta@gmail.com

<sup>2</sup> Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). lucianepandini@gmail.com

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

com os autores, tais como: Levinas (1980;1993), Bárcena e Mèlich (2000), Hoyuelos (2004), Johann (2009), Hermann (2014), Simiano (2015), Pillotto e Silva (2016) e Rinaldi (2017).

Partimos da seguinte questão: ***“Pode o percurso de documentar ser capaz de criar condições de acolhimento e reconhecimento do outro na educação infantil?”*** Deste modo, neste trabalho, analisamos em que medida o percurso de formação de professores, pela via da documentação pedagógica, contribui para o acolhimento da alteridade em educação infantil a partir desta experiência formativa.

As Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI) (Brasil, 2010), estabelecem que as práticas educativas para a primeira infância precisam ser sustentadas pelos princípios, éticos, políticos e estéticos. Edificar uma proposta educativa pautada nesses princípios requer um encontro e uma abertura ao outro, a partir de uma escuta sensível. A educação das crianças no espaço coletivo de educação infantil precisa se constituir como um espaço de relações éticas, onde as experiências das crianças e adultos ganhem visibilidade. Ofertar espaços que favoreçam as relações e experiências no encontro com o Outro é uma forma de efetivar e reconhecer o direito das crianças, de conviver com a diversidade.

Para Rinaldi (2017, p.43), “[...] uma ética de um encontro edificado sobre a receptividade e a hospitalidade ao Outro – uma abertura para a diferença do Outro, para a vinda do Outro”. Pensar a educação a partir da ética é estar aberto para acolher estes Outros, que fazem parte do contexto de educação coletiva. Esses encontros nos interpelam a olhar o outro com estranhamento e nos convocam a um novo relacionamento. Ir ao encontro do estranho, nos tira do comodismo, é uma abertura para o inesperado, para o desconhecido.

Deste modo, podemos compreender a ética como um acontecimento, como um novo começo, ao início de uma relação, Bárcena e Mèlich (2000, p. 83), destacam que “[...] a ética possibilita que a ação seja nascimento. [...] Não há ética sem novidade, sem ruptura, sem inovação e sem repetição. A monotonia rouba o sentido do que fazemos... É a angústia da existência”. É preciso valorizar cada relação que se inicia como uma nova possibilidade de agir. Considerar a educação como um acontecimento ético é compreender que a ação

**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

educativa só tem sentido quando resulta de uma prática intencional e consciente que leva ao encontro do outro.

Entrar em relação com o outro nem sempre é tarefa fácil, exige um exercício constante de alteridade, de se colocar no lugar do outro, de encontrar meios onde o respeito e a responsabilidade para com o outro sejam a premissa desta relação. “[...] Assim, a própria ética se constitui nas complexas respostas produzidas pela interação do outro” (Hermann, 2014, p.13). Esta relação ética é construída no encontro com o outro tendo o respeito como premissa, de forma acolhedora e hospitaleira. Não é uma relação de colonização, mas de acolhimento e escuta.

Educar na diversidade é valorizar a relação na pluralidade, acolhendo o outro no seu modo de ver, sentir e pensar. “Pensar a infância como o Outro, que nos olha, interpela-nos, supõe suspender certezas e admitir um possível ‘não saber’, o qual se renova frente a ela”. (Simiano, 2015, p.71, grifo da autora). Olhar e acolher o outro com olhar diferente é estar disposto a construir e desconstruir conceitos. Estar atento à interrogação do Outro, oferecendo uma escuta sensível às suas necessidades.

Os professores da educação infantil têm papel fundamental nesse processo, pois são eles que vão organizar o contexto coletivo para que as crianças possam fazer as suas primeiras experiências na diversidade. Ao reconhecerem a potência que existe nas relações plurais, legitimam os princípios educacionais, garantindo os direitos das crianças. Na busca da validação de desses princípios, muitos autores que estudam a primeira infância defendem a importância da observação, registro, e documentação pedagógica no contexto da educação infantil. Entretanto, embora as teorias e as diretrizes legais apontem para a importância de tais princípios no contexto educativo, essas indicações não são suficientes para sustentar tal processo, pois muitos educadores ainda associam a documentação à atividade burocrática, não compreendendo como um processo de reflexão que possibilita sustentar as relações educativas.

A pedagogia italiana tem sido a grande percussora deste movimento, a documentação pedagógica é sustentada a partir dos princípios da observação, do olhar, da escuta, do registro,



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

da interpretação e construção de uma narrativa, tendo Lóris Malaguzzi (1920-1994), como precursor de tal proposta. Os professores passaram a escutar e observar as crianças, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas. “Na mais tenra idade, as crianças mostram que têm voz e, acima de tudo, que sabem escutar e que também querem ser ouvidas” (Rinaldi, 2017, p.127). Mas não basta só ouvir, é necessário **registrar** e encontrar formas de narrar. Registrar é uma forma de capturar o vivido para que este não caia no esquecimento.

Muitos são os instrumentos de registros, como diário de bordo, máquinas fotográficas, ou recursos audiovisuais que auxiliam o professor neste processo de documentar. Documentar implica uma escolha, escolha essa que passa pela interpretação. O ato de **interpretar** acontece de forma coletiva, no qual professores têm a oportunidade de compartilhar suas observações, seus registros, falar das suas certezas e desafios, proporcionando um momento de diálogos e reflexões. Interpretar com o olhar do outro torna mais rica a experiência. Após serem refletidos e interpretados, chega o momento de escolher a forma que se quer **narrar**. As narrativas podem ser apresentadas por meio de painéis, panfletos, portfólios, diários, cartas, *slides*, trabalhos bi e tridimensionais.

Ao conceber a documentação pedagógica como um processo narrativo, tecido com os fios da experiência, no encontro entre adultos e crianças, considera-se a necessidade de pensar os espaços coletivos de educação infantil como lugar de experiência onde, por meio das relações que emergem no cotidiano, as narrativas necessitam ser tecidas e alicerçadas em um princípio ético de acolhimento e respeito às singularidades.

No processo de construção das documentações a partir da experiência formativa com professoras da educação infantil, assumimos um compromisso ético de acolhida e hospitalidade ao outro. As professoras foram ouvidas, e assim, compartilharam as experiências significativas que haviam lhes tocado no encontro com as crianças.

No percurso formativo com as professoras, foi possível observar qual a imagem das crianças que elas faziam e como pautavam suas ações. Por meio das falas, dos registros ao longo dos encontros, as imagens das crianças iam, aos poucos, sendo desveladas no processo

**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

de compartilhar e refletir o vivido. A partir dos registros, a professora Rita teve outro olhar para a experiência das crianças: “[...] ao registrar, com todas as letras, também poderemos ficar frente a frente com nossos limites, nossas falhas, nossas angústias, nosso não saber” (Ostetto, 2006, p.24). No exercício do olhar, da escuta, do registro, a professora Rita percebeu que as crianças, no espaço coletivo e na relação com seus pares, são capazes de exercer a autonomia, fato que a deixou surpresa.

Nesse compartilhamento podemos observar a surpresa da professora Rita ao narrar as ações cotidianas das crianças, ela fica maravilhada com a iniciativa delas, ao organizarem o espaço sem a sua ajuda. Como a professora Rita concebia a criança? Seria a criança passiva, submissa? Após os encontros, a professora relata que começou a olhar para as crianças de outro modo. Buscou registrar e passou a organizar o espaço, favorecendo meios e encorajando na conquista da autonomia. O professor tem papel fundamental na organização desses espaços e, dependendo da imagem que ele tem de criança, irá compor os arranjos espaciais e as materialidades. “Na criação de contextos materiais, temporais e sociais, lá estava a presença do professor permitindo, proibindo, incentivando e sustentando ou não as vivências, as significações” (Simiano, 2015, p.87).

Esse deslocamento do olhar torna-se possível quando a professora faz um movimento de pausa e olha para as crianças, valorizando as pequenas conquistas do dia a dia. “Tornar concreto e cotidiano o princípio de que a criança ‘é sujeitos de direitos’ e que tem direito ao respeito e ao reconhecimento das suas exigências (explícitas e implícitas) é, também, uma tarefa nada fácil” (Staccioli, 2013, p.27).

Essa tarefa não é fácil, porque faz se necessário romper com algumas práticas e assumir outras. Ao dar mais autonomia às crianças, também foi preciso respeitar o ritmo e as singularidades de cada uma no desenvolvimento da sua autonomia. “Ver as crianças enquanto Outros aos nossos saberes, enquanto seres que se expressam criativamente e criticamente, que reproduzem e criam cultura, que interpretam as coisas do mundo de maneira própria sem que isto as deixe em posição inferior ao adulto” (Oliveira, 2004, p.198). Este deslocamento do



**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

olhar exigiu uma reflexão da professora a partir de uma escuta das ações das crianças naquele espaço que, ao se apropriarem da cultura, também produzem cultura.

As narrativas foram materializadas em quatro pequenos painéis. Os painéis tinham a intenção de dar visibilidade à autonomia das crianças, incentivando-as a conquistarem, a cada dia, mais autonomia no seu fazer cotidiano, contemplando o princípio ético.

Estamos tão acostumados a valorizar o produto final que, muitas vezes, o processo não é valorizado. E quando paramos para escutar as crianças, percebemos que é no dia a dia, no encontro com o outro que vão aprendendo, fazendo novas elaborações, resolvendo seus problemas e, assim, desenvolvem sua autonomia.

Talvez a preocupação com o tempo, com as demandas dos currículos e afazeres do cotidiano façam com que os professores deixem escapar a leveza que se faz presente nas relações. Por isso, romper com as práticas vigentes e fazer o exercício de olhar para as crianças requer uma pausa: é preciso desacelerar, ir mais devagar, permitindo um lugar para a experiência. “A vida cotidiana nunca é repetitiva. É feita de segmentações, ritmos, repetições, mas são como as ondas do mar, pois sempre se quebram de maneira diferente” (Staccioli, 2013, p. 43). Assim são as ações das crianças no cotidiano, quanto mais exercitam a autonomia, mais experiências terão. Deste modo, desenvolvem-se e aprendem.

No processo de documentar, outra narrativa fisga o nosso olhar, a professora Catarina compartilha seu relato, mostrando-se maravilhada com o encantamento das crianças ao encontrar a natureza. “[...] o que eu tenho para relatar, são experiências que ocorrem assim, fora da sala de aula. Porque eu gosto muito de estar assim com as crianças na rua [...] (Áudio transcrito, relato professora Catarina– 20/09/2018). O registro revela a riqueza das relações nos encontros cotidianos, um encontro na receptividade do outro, que aprende ao ensinar.

Através dos seus registros, da sua fala, observamos a valorização do tempo, que é tão precioso para as crianças, um tempo e espaço que pode potencializar suas experiências. Um tempo único e singular onde podem ser desenvolvidas as capacidades criativas, as emoções, a sensibilidade. “Um tempo feito de surpresas, de espera, de gestos e emoções” (Pillotto; Silva,



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

2016, p. 472).A sua coleção revela preciosidades de um tempo vivido por meio das diversas materialidades. Revela um *olhar que escuta*, “[...] escuta como tempo, tempo de ouvir, um tempo situado fora do tempo cronológico - um tempo cheio de silêncios, de longas pausas, um tempo interior” (Rinaldi, 2017, p.12).

Destacamos um dos efeitos desta narrativa, que convoca à reflexão, a sensibilização, de olhar e potencializar as experiências éticas e estéticas no cotidiano das crianças. O gesto de construir narrativas que contemplam as experiências das crianças dá visibilidade e valoriza a riqueza que emerge do cotidiano, no encontro das crianças e o espaço é uma forma de reconhecer a alteridade das crianças. Para Malaguzzi (Malaguzzi, 1999 *apud* Hoyuelos, 2004, p.79), no processo de documentar, “tão importante quanto observar, registrar e investigar sobre os processos de conhecimentos das crianças é, saber narrá-los”.

No percurso formativo, essa professora sentiu-se reconhecida, “*Até que enfim alguém olhou pra mim e reconheceu a minha prática*”. A sua documentação é um convite para que os professores percebam a importância de valorizar as relações que fazem parte do cotidiano.

Ao dar visibilidade às experiências das crianças no contato com o outro e a natureza, a professora revelou que as crianças desejam ser reconhecidas a partir das suas relações, e querem desfrutar de um espaço em que possam ter as suas próprias experiências, que potencialize suas brincadeiras, aprendizagens e criatividade.

Analisando esse percurso formativo pela via da documentação pedagógica, percebemos o quanto o processo de documentar, desde os seus passos iniciais, **a observação, o olhar, o registro, o ato de interpretar** podem contribuir para o acolhimento da alteridade em educação infantil. Foi possível perceber, no decorrer do percurso formativo, que as professoras, ao vivenciarem esse processo de documentar, refletiam sobre a sua prática, compartilhando entre seus pares as suas inquietações, frustrações e alegrias que encontravam no seu caminhar.

Neste sentido, a partir desta pesquisa, compreendemos que o percurso de documentar pode ser capaz de criar condições de acolhimento e reconhecimento do Outro na educação infantil. A documentação pedagógica é uma forma de dar visibilidade às experiências das

**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

crianças no encontro com o Outro. E assim, pode contribuir para que crianças e adultos tornem-se mais acolhedores diante das diferenças que nos cercam. Sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica, que ela não seja só um espaço, mas um lugar de experiências, onde as narrativas possam ser tecidas e alicerçadas em um princípio ético de acolhimento e respeito às singularidades.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Formação de professores. Documentação pedagógica. Alteridade.

## REFERÊNCIAS

BÁRCENA, F.; MÈLICH, J-C. **La educacion como acontecimiento ético**.Local:Paidós, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

GUIMARÃES, O. de S. M.. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa com professoras na educação infantil: um encontro com o princípio ético**. Tubarão, 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3574>. Acesso em: 26 ago. 2024.

HERMANN, N. **Ética & educação: outra sensibilidade**.1.ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Temas & Educação).

HOYUELOS, A. **La ética em elpensamiento y obra pedagógica de LorisMalaguzzi**. Barcelona: Octaedro, 2004.

JOHANN, J.R. **Educação e ética: em busca de uma aproximação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. 130p. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa,Portugal:Edições 70, 1980.

LEVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, A. M.R., Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto de educação infantil.*In*:





**IV SENPE**

**SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**23, 24 E 25/09**

OSTETTO, L. (Org). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, C. C. da. Ética, estética e política na educação pela infância. *Linguagens. Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 10, n. 3, p. 461–475, set./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7867/1981-9943.2016v10n3p461-475>. Acesso em: 26 ago. 2024.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emília**: escutar, investigar e aprender. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Tradução de Vania Cury.

SIMIANO, L.P. **Colecionando pequenos encantamentos...**: a documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças bem pequenas. Porto Alegre, 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/117784>. Acesso em: 26 ago. 2024.

STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção formação de professores. Série educação infantil em movimento). Tradução de Fernanda Ortale, Ilse Paschoal Moreira.

